

# Regional

LENDA DE PANCAS

## Aventura em busca do bezerro de ouro

Peça de ouro que teria sido enterrada há mais de 100 anos nos picos dos Pontões Capixabas ainda atrai caçadores de tesouros

Nilo Tardin  
PANCAS

Caçadores de tesouros já vasculharam cada palmo de cavernas e grotas em busca de desvendar a lenda de um pequeno bezerro de ouro escondido no coração dos belos picos rochosos dos Pontões Capixabas, em Pancas, no Noroeste do Espírito Santo.

O bezerro de ouro nunca foi encontrado. Mas a fama da reluzente preciosidade embalou o sonho de riqueza de uma geração de moradores que vivem aos pés das Pedras do Camelo, Cará e Garrafão.

É nessa parte do mar de montanhas que formam o Monumento Natural dos Pontões Capixabas – unidade de conservação federal criada em 2008 – que a peça de ouro maciço com 1,5 quilo pode ter sido enterrada há mais de 100

anos.

Nascido e criado aos pés da Pedra do Garrafão, o agricultor pomerano Juliberto Stuhr, 63 anos, conta que o mito do bezerro de ouro era narrado por sua avó Alvina na sala de visitas à luz da lamparina.

“Ela contava que padres jesuítas fugitivos de uma revolta indígena no litoral escaparam com a escultura de ouro puro. Perseguidos no caminho de fuga, enterraram a relíquia em algum lugar do Vale do Palmital e São Luiz. Vejo a história como uma herança cultural da colonização pomerana em Pancas”, diz Juliberto.

O cafeicultor Cláudio Eggert, 52, morador do Córrego do Palmital diz que cansou de ouvir dos mais antigos a lenda do bezerro, que, além de valioso, seria encantado.

Corajosos aventureiros, entre os quais o pioneiro Franz Ohnorsorge, teriam se arriscado a subir os 750 metros da Pedra do Garrafão, nos anos de 1930, atrás do bezerro de ouro – e até hoje há gente atrás dele. Uma súbita ventania teria prendido Franz por dois dias na caverna existente no topo da montanha.

“Franz era um famoso matador de onça da região. Escalou o Garrafão sem equipamento nenhum.

## Colonização pomerana perto de fazer 100 anos

Os corpos do caçador Franz Ohnorsorge, o primeiro a procurar o bezerro de ouro, assim como outros desbravadores pomeranos do Vale do Palmital estão sepultados no Cemitério Evangélico Luterano de São Bento, um dos mais antigos no Noroeste do Estado.

Conforme Livro de Registro guardado pela presidente da Associação do Cemitério Luterano, Nair Stuhr, 57, o cemitério foi aberto em 1925.

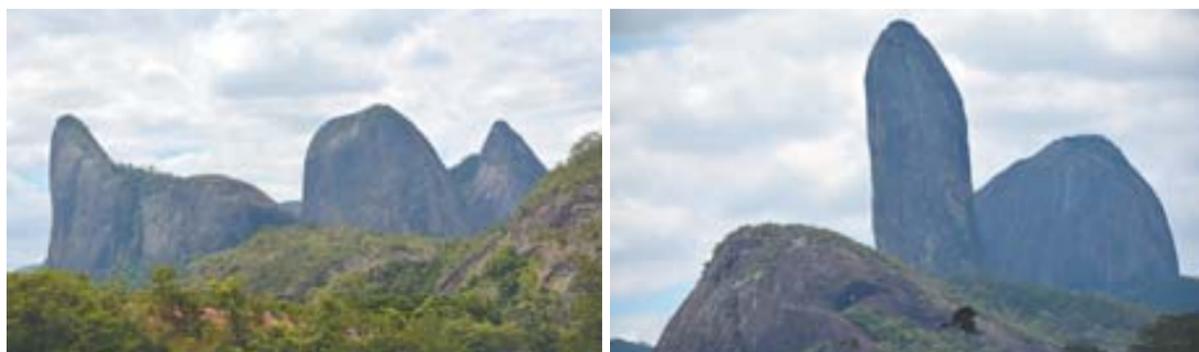
Segundo Nair, as velhas e amareladas certidões de óbito atestam que a colonização pomerana em Pancas está bem perto de completar 100 anos. Os documentos pro-

vam que, antes, os mortos eram enterrados numa clareira aberta no meio da mata.

O primeiro sepultamento oficial foi de uma criança, em 1925. Pelos registros, em 31 de janeiro de 1928 foi sepultado o primeiro adulto. Era Olga Johanna Ohnorsorge, mulher do pioneiro Friedrich Ohnorsorge.

Entre lendas, tesouros e mistérios, um caso de amor impossível também é relatado em uma placa de cobre com inscrições em pomerano, colocada no túmulo de Olga na calada da noite por “um admirador secreto” que havia se apaixonado pela mulher durante a viagem para Pancas.

**NAIR STUHR,**  
presidente  
da Associação  
do Cemitério  
Luterano:  
lendas,  
tesouros,  
mistérios e um  
caso de amor  
impossível



**JULIBERTO** mostra a Pedra do Garrafão, onde estaria o bezerro de ouro. Abaixo, as pedras do Camelo e da Agulha

Chegou até o primeiro dos dois salões da pedra e saiu depois de dois dias enrolando cipós até fazer uma corda. Meu avô falava que quando alguém estava perto de achar o bezerro de ouro, alguma coisa de sobrenatural acontecia”, relata Cláudio.

Na conta dele, caso a imagem fosse real e encontrada valeria na faixa R\$ 200 mil com o ouro em alta.

De acordo com o empresário Wilson Haese, 66, aos poucos o bezerro de ouro foi sendo esquecido,

mas a descoberta, na década de 1960, de duas gemas gigantes de águas-marinhas com 25 kg cada – batizadas de Marta Rocha e Xuxa – na Pedra da Agulha ainda atraem garimpeiros a Pancas atrás de fortuna.



### AMOR PROIBIDO

#### Prova da paixão

“Se o amor fizesse milagres e lágrimas ressuscitassem mortos, certamente tu não estarias aqui coberta pela terra fria”.

A inscrição na placa de cobre traduzida do pomerano para o português foi posta no túmulo de Olga Johanna, no Cemitério Evangélico Luterano de São Bento, em Pancas, após sua morte, em 1928, como prova do “amor proibido” de Bernardo Lehnen.

“Na época, foi um escândalo gostar, mesmo de longe, de uma mulher casada. A placa foi arrancada da sepultura e, três décadas depois, foi repostada pelo pastor”, contou Nair Stuhr.

## Decreto ampliou área de floresta

A criação do Parque Nacional dos Pontões Capixabas no apagar das luzes de dezembro de 2002 quase provoca uma verdadeira guerra entre sítiantes e o governo federal nos municípios de Pancas e Águia Branca, no Noroeste do Estado.

Ameaçados de despejo – por lei, parques florestais não podem ter morador –, os produtores rurais cogitaram reagir armados para manter a ocupação dos 17.496 hectares da área protegida.

A mudança de modalidade para Monumento Natural dos Pontões Capixabas, em 2008, apaziguou os ânimos, além de preservar os picos rochosos da fúria das mineradoras.

Dados do Instituto Capixaba de Pesquisa e Extensão Rural (Incaper) de Pancas apontam que após o decreto conservacionista a cobertura verde aumentou, mas o estrago da devastação na Mata Atlântica original afetou as nascentes dos rios e córregos da região.



**REGIÃO** dos Pontões Capixabas